Alguns dias depois, o pai percebeu que os miúdos já tinham sumido de casa. Entretanto, procurou-os incansavelmente até descobrir onde estavam refugiados. O pai percebeu que a casa pertencia aos meninos, questionou-os: - Porque é que vocês fugiram de casa?

– Como é que conseguiram o dinheiro para terem uma casa tão luxuosa. Perguntou o pai. O Pedro respondeu que saíram de casa porque já estavam saturados com os maltratos, mas onde saiu o dinheiro se explicasse, morreria na mesma hora, pois não poderia explicar. Porém, o pai insistiu, insistiu, insistiu… – Tens de me dizer como é que conseguiste o dinheiro. Mesmo assim os meninos não explicaram. Então, o pai recebeu a casa, meteu os seus próprios filhos na rua, passou a viver lá com a sua esposa, assim, a casa do Mandanji serviu de arrecadação de produtos colhidos no campo.

Passaram-se seis meses, e os irmãos Pedro e Maria viviam na rua pedindo esmolas. Certa noite, o pai estava a mesa de jantar com as suas três enteadas e a esposa, então, uma das enteadas foi à cozinha buscar água e encontrou um rato numa tijela, o rato tentou fugir,mas não conseguiu. Ora, a menina atingiu-lhe bem forte com a tampa e matou-lhe. De repente, a casa começou a incendiar, começou no teto, afetou a casa toda e todos morreram carbonizados. Alguns dias depois, os dois irmãos tomaram conhecimento do incidente, por conseguinte, recuperaram a casa do Mandanji. A partir daquele momento, toda a colheita, todo o gado e a casa pertenceu-lhes. Tornaram-se fazendeiros e comerciantes.

Fim!

---

1 Um dos bairros suburbanos mais antigos da cidade do Dundo, Lunda Norte, Angola.
2 Diamante na língua cokwe.
3 O rio Luachimo é um curso de água de Angola que faz parte da bacia hidrográfica do rio Zaire, é um dos
principais rios do Leste e é rico em peixe, crocodilos e hipopótamos.

Roque dos Reis Tito Suequel

Cheiro de terra molhada

Nada como um dia de chuva para trazer aquela sensação de calma e tranquilidade. A chuva talvez seja a melhor forma para demonstrar como o ciclo da água interage com os demais compononentes da natureza. A água em rios, lagos, mares e plantas evapora subindo à atmosfera e preenchendo o céu com nuvens brancas e densas. Em meio ao equilíbrio entre temperatura e pressão atmosférica, a água então precipita em forma de chuva.

Quando a água da chuva encontra a terra em florestas, plantações e jardins, um característico e único odor exala do solo. Um odor apreciado por muitas pessoas e normalmente associado à sensação de paz transmitida por uma repentina chuva. Embora este odor seja uma referência comum entre observadores dos sinais da natureza, a explicação vai muito além daquilo que é visível.

O famoso odor gerado pela terra molhada de chuva é consequência de atividade microbiológica no solo. Seres minúsculos conhecidos como actinobactérias produzem uma substância química chamada geosmina composta por átomos de hidrogênio, carbono e oxigênio (Mesquita, 2022; Salwan and Sharma, 2020). O odor dessa substância corresponde ao que conhecemos como o “cheiro de terra molhada da chuva”.

Vale ressaltar, no entanto, que o odor e gosto de geosmina pode ser sentido por humanos com extrema facilidade. O nível de detecção humana da goesmina equivale a concentrações tão baixas como 4 nano gramas por litro de água (Young et al., 1996). Este valor é 26 bilhões de vezes menor do que a concentração de açúcar em uma lata de refrigerante. Por este motivo, a alta presença de geosmina também pode causar problemas de odor e gosto em água potável e por isso precisa ser removida com um tratamento adequado.

Por outro lado, o cheiro de terra molhada pela chuva não é prejudicial à saude humana e continuará sendo um reflexo eminente das reações invisíveis que garantem o equilíbrio ecológico da água na natureza.

Referencias

Mesquita, A. F. N. (2022) Cross-feeding entre actinobactéria e rizóbios do semiárido nordestino e seu papel na prospecção de novos biofertilizantes. Universidade Federal do Ceará. http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/69963

Salwan, R, Sharma, V. (2020) Molecular and biotechnological aspects of secondary metabolites in actinobacteria. Microbiological Research. https://doi.org/10.1016/j.micres.2019.126374

Young, W.F., Horth, H., Crane, R., Ogden, T., Arnott, M. (1996) Taste and odour threshold concentrations of potential potable water contaminants. Water Research. https://doi.org/10.1016/0043-1354(95)00173-5

Antonio Martins

Viagem a Portugal

No final de agosto do ano passado, eu e minha namorada estivemos visitando Portugal por 10 dias. Foi uma viagem maravilhosa, nos se divertimos muito em Portugal. Viajamos de norte a sul visitando lugares maravilhosos. De Lisboa, eu dirigi até Porto, ficamos alguns dias conhecendo lugares no norte de Portugal na cidade de Porto. Por exemplo, a ponte Luis I Bridge, Mercado do Bolhão, Castelo de São Jorge, vinícolas, comidas, etc. Depois, nos viajamos para o sul de Portugal, na região de Algarve, com praias maravilhosas, por exemplo, Praia do Camilo, rocha, Marinha, Dona Ana a cidade de lagos linda a comida portuguesa e tudo de bom bacalhau com batata, bacalhau no molho, sardinhas, francesinha, caldo verde, arroz de marisco, lamprea, cozido a portuguesa, pastel de nata, vinhos etc !! De Algarve nos viajamos para Lisboa nos visitamos uma fazenda de azeitonas na cidade de Santarém esta fazenda e do seculo 17 foi muito interessante conhecer a história da produção do óleo de azeitona. O turismo na Casa Anadia foi incrível, ver as maquinhas que foram utilizadas para fazer a extração do óleo da azeitona, são 50 quilos de azeitona para um litro de óleo. Nós estávamos procurando um restaurante para jantar em Lisboa. Após procurar alguns restaurantes, decidimos escolher um restaurante com mesas do lado de fora do restaurante. Tinha um casal jantando, eles estavam a alguns metros de distância da nossa mesa. Eu falei com a Bethany que a mulher era muito parecida com uma amiga minha de infância que vivia no mesmo bairro onde eu cresci, em São Paulo, Brasil. A Bethany falou para eu perguntar se ela era a Dani, amiga minha de infância. Eu falei para a Bethany que fazia 17 anos que eu não tinha contato com ela, mas ela era muito parecida com a Dani. Na época, a Dani não tinha tatuagem nos ombros. Eles terminaram de jantar e, quando eles estavam indo embora, ela me perguntou se eu era o Du. Muitos amigos meus me chamam de Du apelido para Eduardo. A Dani vive em Lisboa por sete anos, como o mundo é pequeno, eu encontrei com uma amiga de infância em Lisboa.

Eduardo Sampaio

Da esquerda para direita: Mikkel, Dany, Eduardo e sua namorada Bethany em Lisboa.

Cuidadosamente

a passo de tartaruga
pouco a pouco
vagando sem destino
lento, curto, aprazível
mas tudo bem, não?
não há problema
desacelerar de vez em quando
pequenos movimentos
movendo como a fumaça
que se eleva no ar
flutuando
deslizando suavemente
como o rio que serpenteia
a magia de não saber
a onde vamos
mas sabendo
que vamos sempre chegar

Mark Hanson

My Wheelchair

I'm sitting in my living room
Looking in my neighbor's living room
I've got two wheels, the tires are fair
But I can't get out in the good fresh air
    I've got a screen door but steps drop the floor
    Could make me lose my way
    So I hang out till a friend drops in
    To take me out today
You see once I had an accident
Left my legs all limp and bent
And I know I won't get my share
But I got me a wheel chair
    An athlete I used to be
    Not big but fast and wirey
    Now I live on memories
    And get my sports on TV
While I'm sitting in my living room
Looking in my neighbor's living room
Got two wheels, the tires are fair
But I can't get out in the good fresh air

Next I met my therapist
He was kind, he was the best
He always kept me from the blues
Saying, "think of what you'll save on shoes"
    He said, "we will work hard and long"
    Therapy makes you week but strong
    And I don't have no time for skeptics
    They can make their chairs electric's"
When I try to met to meet the flow
The girls and places I won't know
So I just sit here and keep hopin
My neighbors will keep their curtains open

While I'm sitting in my living room

Chris Smith

A minha cadeira de rodas

Estou sentado na minha sala de estar
Olhando na sala de estar do meu vizinho
Tenho duas rodas, as rodas estão boas
Mas não consigo sair pro bom ar fresco
    Tenho uma porta de tela mas degraus descem pro chão
    Poderia fazer que eu perca o meu caminho
    Então passo tempo até um amigo aparecer
    Para me levar para sair hoje
Olha que uma vez tive um acidente
Deixou as minhas pernas moles e dobradas
E sei que não conseguirei a minha parte
Mas tenho uma cadeira de rodas
    Era um atleta
    Não grande mas rápido e elástico
    Agora vivo com as memórias
    E assisto aos esportes na minha TV
Enquanto estou sentado na minha sala de estar
Olhando pra sala de estar do meu vizinho
Tenho duas rodas, as rodas estão boas
Mas não consigo sair pro bom ar fresco

Então conheci o meu terapeuta
Era simpático, era o melhor
Sempre me protegia da tristeza
Dizendo "Pensa no que vai economizar nos sapatos"
    Ele disse "Vamos trabalhar duro e por muito tempo
    A terapia te faz fraco mas forte
    Eu não tenho nada de tempo para céticos
    Podem fazer as cadeiras deles elétricas"
Quando tento me encontrar com o fluxo
As garotas e os lugares que não conhecerei
Então me sento aqui e fico esperando
Que as cortinas do meu vizinho ficarão abertas

Enquanto estou sentando na minha sala de estar

Traduzido por Ryan Ammerman

Sincretismo

Voltando ao passado para procurar respostas para o futuro
Porque não é vergonha voltar ao passado para recuperar o que você esqueceu (perdeu)

Vendo como a diáspora Afro-brasileira mantém suas tradições e como eles adaptaram suas práticas foi muito especial. Tantas experiências variadas durante o meu tempo em Salvador! Ao entrar no terreiro de Candomblé, fiquei fascinada com tudo o que estava vendo. Na entrada havia uma oferenda com ovos, mel, sal cebola e acara. O caminho estava iluminado com luzes de várias cores, havia um manto de silêncio sobre o caminho. Nós só ficamos olhando todas as plantas e ornamentos do terreiro. Olhando o templo principal quase fiquei cega porque todo os ornamentos eram brancos e prateados. Dentro do terreiro havia retratos dos líderes do terreiro que se chamam Iyalorixá (feminino) ou Babalorixá (masculino). Depois de um tempo começou a cerimônia. Havia várias funções que as pessoas assumiam: pessoas dançando, homens tocando bateria (ogãs), até as criança participavam na cerimônia. O candomblé não foi sempre foi aceite. Era uma religião perseguida no Brasil. Me faz muito feliz que as pessoas de cor possam praticá-lo com mais aceitação agora em dia.

Resistência para existência

As comunidades quilombos são uma parte integral da história do Brasil. Um quilombo é uma comunidade criada pelas pessoas que escaparam da escravização. Estas comunidades ainda existem, habitadas pelos descendentes daqueles que lutaram pela liberdade. Essas comunidades priorizam práticas sustentáveis. Durante o meu tempo em Bahia, tive o prazer de visitar um coletivo de quilombos Kaonge e Dendê. Estes quilombos têm um negócio de turismo para que as pessoas possam aprender sobre como estas comunidades se mantêm, mesmo sendo comunidades isloadas do resto da população. Uma das formas para conseguirem mais atenção das pessoas foi a criação do Festival das Ostras. A venda das ostras traz trabalho para as famílias na comunidade para não depender de bolsa família (um programa social de transferência de renda pelo governo federal do Brasil). Estas comunidades têm vários aspectos que as torna únicas. Eles têm a sua própria moeda chamada sururu e currículo único que eles criaram para as suas crianças que os ensina sobre a história e a cultura dos quilombos. Mas conquistar todas essas coisas que fortalecem a comunidade não aconteceu sem luta.

A última experiência que quero compartilhar é a minha visita ao Acervo da Lage. Em Salvador, como em várias partes do Brasil, existe uma cultura de medo. Quando a violência permeia as comunidades, é difícil para as pessoas verem que há mais vida para vivenciar fora disso, se é tudo o que eles conhecem. O Acervo da Laje é uma galeria de arte localizada em uma favela de Salvador. A missão dos fundadores (Vilma Santos e José Eduardo) foi criar um espaço de arte accessível para as pessoas que moram na favela. Algo comum que acontece em comunidades periféricas da cidade é que as pessoas se sentem muito distantes dos lugares que ficam nas partes mais ricas no centro da cidade para acessar a arte. O objetivo do Acervo da Laje é eliminar essa barreira. Um dos fundadores do Acervo da Laje nos contou sobre as origens do espaço. Tudo começou com uma pesquisa sobre violência e a cultura de medo nessa comunidade. Seu mentor desafiou a procurar onde estava a beleza entre tudo isso. Hoje, depois de 15 anos, o Acervo de Laje funciona como um espaço comunitário. Algo que achei interessante foi perceber que, às vezes, para criar comunidade pode começar fazendo algo simples. Como abrir a própria casa para outros. Quando entrei fiquei confusa porque na entrada há muitos azulejos quebrados que faziam som quase musical quando a gente caminhava emcima deles. Antes de chegar à sala de exposição, passamos por a casa de Vilma e José. Dentro da casa, a vida manifestava-se nos pets deles e nas roupas penduradas. O Acervo da Lage tem planos de se mudar para um espaço maior e tenho muito vontade de voltar para vê-lo.

Anna Gonzalez, Study Abroad - São Paulo, Brasil

Bate-Papo

Tudo bem? Bate-Papo, a nossa mesa de conversa aqui na UW-Milwaukee, está maior e melhor do que nunca! Temos realizado sessões uma vez por mês, nas quais falantes, alunos e amantes da língua portuguesa na UW-Milwaukee e na comunidade têm-se juntado para praticar as suas competências em português, conversar e fazer conexões! Tivemos travalínguas e jogos de língua, karaokê e até comemorações de aniversário que têm ajudado a promover as nossas sessões de Bate-Papo como momentos divertidos, envolventes e convidativos – tudo acompanhado por petiscos saborosos, como café, pizza e outras guloseimas trazidas pelos nossos maravilhosos participantes e amigos!

Enquanto o nosso programa de português cresce, também cresce o número de membros da nossa comunidade que fazem a nossa mesa de conversa assim, tão especial! Eu gostaria de expressar os meus sinceros agradecimentos a todo o mundo envolvido, como a ajuda preciosa na cedência do espaço no Roberto Hernandez Center (RHC) para sediar o evento e aos nosso amigos, famílias e alunos por passarem tempo conosco e por compartilharem o nosso amor pela língua portuguesa! É sempre um prazer ver tantos rostos, familiares e novos, e aproveitar uma pausa nas aulas para bater um papo e compartilhar!

Até à próxima!

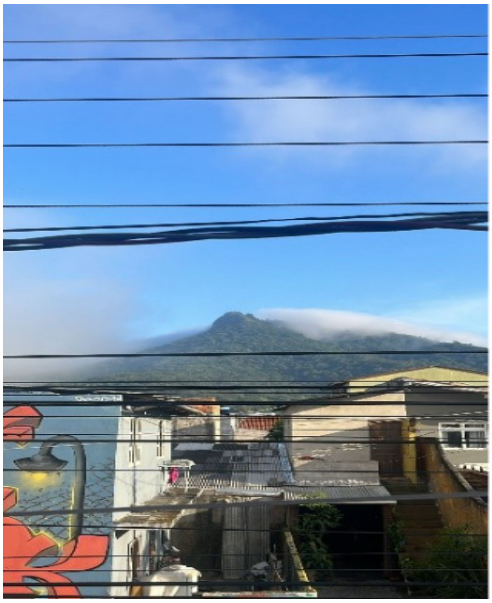
Ryan Ammerman

A Minha Casinha Brasileira

Às vezes eu me sinto atrasado na vida. Se eu me comparo com as outras pessoas que já tiveram mais sucesso que eu ou já têm uma casa grande de dois andares, eu gosto de lembrar minha casinha no Brasil. Na real nem era uma casa. Eu aluguei um kitnet no Brasil e morei lá dois anos. Foi pequeno, foi caro, a energia caiu algumas vezes, a resistência do chuveiro queimou fácil também. Mas era minha e eu estava feliz.

No meu kitnet em Balneário Camboriú, Santa Catarina eu tinha uma cozinha, um quarto e um banheiro. Logo quando eu cheguei na cidade eu comprei um toca disco. Eu não tinha guarda-roupa, não tinha pratos para comer nem cadeira, mas eu tinha um toca disco para escutar meus discos e começar a construir minha casa. Eu escolhi a cor que eu queria pintar as paredes e eu só pintei metade da parede verde e deixei a parte de cima branca, porque a casa era minha e eu tinha autonomia. Eu nunca me senti tão livre para fazer tudo que eu queria. Eu também nunca senti tanto medo. Eu me mudei para outro lado do mundo, saí da minha zona de conforto, e eu fiz tudo sozinho.

A minha casa já viu briga, amizades, amor, choro, monte de risos, surtos. Eu cresci muito entre as quatro paredes de kitnet 9 em Balneário Camboriú. Foi na minha casa que eu aprendi a cozinhar. Foi lá que eu aprendi como limpar uma casa como um brasileiro. Foi lá que me conheci de verdade, do que eu sou capaz de fazer, aguentar e conquistar. Independentemente de onde eu estou na minha vida agora, aqueles dois anos que eu tinha no kitnet 9 ninguém pode tirar de mim.



Michael Weytons

Edição
Especial

Desenho de Lara Campos

O Mar e os Portugueses

Os portugueses são, ao longo da sua história, um povo ligado e fascinado pelo mar. Se repararmos no mundo com influência linguística, cultural, histórica portuguesa, o chamado “mundo lusófono”, todo ele tem ligação geográfica com o mar: Portugal (com os arquipélagos atlânticos dos Açores e Madeira), Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique, Brasil e Timor-Leste, todos esses países são ligados pelo mar. O mar é o elemento que une toda a lusofonia. E há razões para essa ligação.

Comecemos pelos primórdios da história. Quando as tribos pré-históricas avançavam pela Europa na direção leste-oeste chegavam a um ponto em que não havia mais território: o oeste da Península Ibérica, exatamente onde se deparavam com a costa do que é presentemente o território português. A sua marcha em direção ao poente era abruptamente interrompida por um mar que os forçava a deter-se na sua longa caminhada pré-histórica. Aí, gradualmente se adaptaram à realidade da vastidão do mar, quer na prática da pesca marítima quer na navegação costeira.

Com o desenrolar da história, a área que hoje é Portugal transformou-se em entreposto comercial entre o Norte e o Sul da Europa. Gradualmente, na Idade Média, Portugal investiu no desenvolvimento da sua marinha, em grande parte para se proteger dos ataques de pirataria vinda do Norte de África e que assolava parte da sua zona litoral. Essa tarefa de defesa marítima coube maioritariamente à Ordem de Cristo, grupo religioso-militar que tinha sido criado pelo rei D. Diniz no século 14 para transferir em Portugal as riquezas e funções da Ordem dos Templários que havia sido extinta pelo Papa.

Nos princípios do século 15, o infante D. Henrique, filho do rei D. João I, foi escolhido para Mestre da Ordem de Cristo e iniciou todo um projeto metódico de expansão portuguesa através do mar, com os seus barcos exibindo nas velas a cruz da Ordem de Cristo, desde os arquipélagos atlânticos então desabitados (Açores, Madeira, Cabo Verde) à costa africana. Seguiu-se nas décadas seguintes a navegação portuguesa até ao Brasil e Ásia, tendo Portugal criado um império comercial global todo ele ligado pelo mar. Com esse império marítimo Portugal diminuiu a importância do comércio terrestre que ligava a Ásia à Europa.

O mar também teve enorme importância nas ondas de emigração portuguesa nos séculos 19 e 20, nomeadamente para os Estados Unidos. Partindo inicialmente em barcos baleeiros americanos que aportavam aos arquipélagos dos Açores, Madeira e Cabo Verde a emigração portuguesa veio a fixar-se em regiões costeiras como a Nova Inglaterra, Califórnia e Havaí. As subsequentes ondas emigratórias dirigiram-se para essas regiões litorais norte-americanas onde ainda hoje a sua presença é bastante forte.

Ao longo da sua história, os portugueses aprenderam a amar e respeitar o mar. Os oceanos chamavam-nos para a aventura, para a realização dos seus sonhos mas também impunham respeito e temor devido aos perigos que tantas tragédias marítimas lhes trouxeram. Por isso, Fernando Pessoa escreveu no seu poema "Mar Português":

"Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu
Mas nele é que espelhou o céu."

José Luís N. P. da Silva

Os Caranguejos Ermitão

Muitas pessoas têm animáis de estimação. Alguns são peludos, outros têm pele camado. E outros moram dentro de conchas. Vou excrever hoje sobre este último, específicamente o caranguejo-ermitão (também conhecido por paguro). Uma nota inicial: Somente vou escrever sobre uns elementos deste animal. Antes de se comprarem caranguejos-ermitão, devem ler em linha para se informar sobre eles. Há muito para saberem!

O verão passado, obtive dois carangueijos terrestres, o Shelldon e o Gerald. Desde então tenho aprendido muito sobre este crustáceo interessante. Existem 2 tipos de caranguejos-ermitão: os terrestres e os aquáticos. A maioria das espécies (cerca de 800 espécies) de caranguejos-ermitão vive no oceano. Todos - inclusive os que moram na terra - respiram por guelras. É preciso eu manter a morada húmida para eles respirarem.

O quê comem? A pesar que vendem comida já engarrafada nas lojas, a realidade é que são necrófagos, comendo quase qualquer coisa que encontram nas praias, seja material vegetal ou animal. Tenho observado que o Gerald gosta muito dos morangos e as uvas. (Veja a fotografia de Gerald.) Dizem que os caranguejos-ermitão têm gosto por doces! Além disso, dizem que os caranguejos-ermitão gostam de variar os alimentos diariamente. Todas as noites quando nós seres humanos jantamos, preparo um prato pequeno com comida de nós para o Gerald e o Shelldon. Em vez de comer com garfo, usam as suas duas pinças, especialmente a pinça grande. Ao contrário dos demais caranguejos - que têm 2 pinças grandes - os caranguejos-ermitão têm uma pinça grande e uma mais pequenina. A pinça grande é mais que utensílio para comer. Também proporciona proteção. Se o caranguejo está nervoso, ele da um apertão grande com a mesma pinça grande!

O caranguejo-ermitão nasce sem concha/carapaça. Somente tem um exoesqueleto fino, pelo qual fica suscetível aos predadores da natureza. É imperativo ele procurar uma concha abandonada para habitar. E quando crescer? Várias vezes na vida, o caranguejo-ermitão tem que passar por um processo para poder crescer. Tem que sair da concha, remover o velho exoesqueleto - um processo que toma várias semanas e muita força física - e finalmente entrar numa nova concha, localizada com antecipação do processo. Se o caranguejo tivesse perdido algum membro no passado, por exemplo uma porção duma pata, usa este tempo de mudança para fazer crescer outro novo!

O meu Shelldon fez todo este processo há pouco. Primeiro, selecionou uma concha bonita, das que eu tinha colocado lá na sua morada, e começou limpá-la das areias. (Veja a fotografia de Shelldon.) Logo, ele – ou ela (disculpe, Shelldon!) – comeu e bebeu em excesso. Isso tem dois propósitos. Primeiro, por ficar sem concha durante o processo, está demasiado vulnerável aos predadores da natureza e, portanto, tem que ficar escondido na areia e aguentar várias semanas sem sair para comer e beber. A outra razão é que esta abundância de água expande o corpo e ajuda para quebrar o velho exoesqueleto. Frequentemente, comem esse para consumir o cálcio necessário para o novo exoesqueleto crescer.

Na minha experiençia, todo animal de estimação tem a própria personalidade, já seja o animal grande ou pequeno. Isto inclui os caranguejos-ermitão. Enquanto o Shelldon é recluso, o pequeno de Gerald é sociável. Dizem que os caranguejos-ermitão são uma espécie sociável em geral, e que eles convivem em comunidades bem grandes na natureza. Vejo isto com Gerald. Ele gosta de ficar perto do seu irmão mais velho e tenta dormir ao lado dele. Se eu colocar o Shelldon na minha palma, probavelmente receberia um apertão na minha pele, mais quando o Gerald está na minha palma, ele acarícia a minha pele sem me apertar. Parece muito sociável! Talvez com mais tempo, o Shelldon se acostumara à minha presença. Afinal de contas, sou parte da sua pequena comunidade.

Susan H. Brody

Nunca vou esquecer a minha chegada no Fernando de Noronha. Foi uma experiencia que eu nunca imaginei eu teria o privilégio de ter. O cheiro da brisa do mar, o sol batendo na minha pele até os sons da ilha são experiências únicas. O que me chamou mais foi a recepção que eu senti. Não só das pessoas, mas também da ilha. Quando eu desci do barco eu senti que a ilha me abraçou. Senti o calor da ilha me abraçando. A gentileza dos moradores da ilha me fez sentir em casa. O canto dos pássaros parecia muito como estava me recebendo em casa de volta.

A parte mais marcante da ilha, que é impossível não ficar preso admirando por horas e horas, é o mar. Eu nunca vi o mar tão limpo, tão lindo, tão puro que me deixou emocionado. A temperatura do mar é tão boa que está chamando as pessoas para tomar um banho nele. Ter essa experiência de conhecer um lugar pouco conhecido pelo mundo e com muito conexão com a natureza única da ilha foi muito especial. Queria poder compartilhar essa sensação para todo o mundo. Ter o privilégio de conhecer Fernando de Noronha te faz apreciar ainda mais o mundo e querer proteger a natureza.

Conhecendo as pessoas que morram na ilha, você percebe como a vida e diferente na ilha. A cultura e jeito de fazer as coisas e mais relaxada. Tem aquela expressão “tempo da ilha” e no Fernando de Noronha eles leva a sério. As pessoas valorizam estar presente com as pessoas ao seu redor, com a natureza e a vista espetacular. Essa realidade de morar na ilha e para poucas pessoas então cada minuto você tira o seu tempo para apreciar e agradecer. Você ver que todo mundo tem uma história de como chegou na ilha, e mesmo que todo mundo tem as suas diferencias, todos vocês estão naquele lugar especial ao mesmo tempo, e isso e muito especial.
Mesmo que eu não estou mais na ilha, a ilha nunca mais vai sair de mim. Eu vou levar comigo tudo que eu aprendi com as pessoas de estar mais presente, de achar beleza nas coisas pequenas e sempre agradecer e proteger o que eu tenho. Eu ainda estou esperando o dia que eu posso voltar para Fernando de Noronha, mas até esse dia vou lembrar da minha viagem no canto dos pássaros

Michael Weytens, Port 204

Eu cheguei à Fernando de Noronha, e eu senti algo totalmente diferente. O ar era muito puro e limpo, podia ouvir o barulho do mar e dos pássarinhos. O cheiro tantos coisa diferentes como o sal e as flores eles cherio muito forte, mas era muito bom tambem. O sol estava brilhando e quente e o céu era muito azul. A vegetação e o ambiente era toda verde e o mar era muito limpo. Tambem a água estava limpa e eu podia ver a areia embaixo dela

A primeira coisa que notei foi a praia. A areia era branca e muito limpa. Era uma sensação boa, com os pés no chão, com areia morna. Havia pedras grandes e penhascos altíssimos. O som das ondas era agradável, era muito relaxante estar ali na praia. E eu vi os peixes lá no mar. Eles pulavam e um nadava bem perto do outro. Também tem uma tartaruga que chegou bem pertinho da areia, fiquei tão feliz quando vi esses animais.

Conversei com o guia turístico que mora perto a ilha. Ele contou para mim um pouco da história de Noronha. Disse que a ilha tem leis para defender a natureza. Apenas um número bem pequenininho de pessoas pode visitar a ilha de cada vez. Ele também explico que no passado, o governo transformada a ilha para um santuário, uma casa de proteção da natureza. Achei o guia muito simpático, também sabia muita coisa e eu gostei de conversar com ele.

Quando eu voltei para casa, olhei para onde eu morava no Milwaukee e vi a diferença entre Wisconsin e a ilha. Eu vi como a natureza é forte e linda. No meu país, a gente deixa faltar um bocado com a dona natureza. Pessoas no tem respeto para a natureza como eles tem no Nornaha. Mas em Noronha, é tudo limpinho e as pessoas tomam gosto por ela. E fiquei pensando comigo que também posso ajudar com nosso bichinho daqui

Lucca Rupnick, Port 204

As ondas batiam o barco. O barco cortava pelas como se elas fossem nada. Dois golfinhos nos seguiam quando a gente dirigia para a ilha. Eles pareciam interessante conosco, como se eles quisessem quem nossos fosse. A gente chegou no porto e desembarcou. Foi minha primeira vez numa ilha e tinha sorte que a primeira vez foi "A Ilha de Fernando de Noronha" – a ilha dos sonhos. Só ouvi sobre a ilha, mas nunca poderia imaginar tão bonita ela estava. Nos Estados Unidos, eu veria uns coelhos e talvez um veado em vez em quando, mas nada comparava á ilha. Os pássaros ficavam em quase todo arvore e todos deles cantavam a música melhor linda, umas borboletas voavam pela flor para flor, e peixes nadavam ao redor do porto. Entendi por que todos as pessoas me continuo me falar que eu preciso visitar a lugar.

No repente, algo tocou meu pé. Eu olhei para baixo para descobri o que possa me tocar e vi um lagarto maior que eu já vi. Juro que foi maior que meu cachorro, meu cachorro é pequena mesmo, porém ainda foi muito grande. Eu quase saltei de volta para o barco. O guia turístico, Miguel, deu uma risada e me falou que eles são em todos na ilha, mas nunca faria nada para mim. Não me senti melhor agora que eu sabia que eles estava em todos nos lugares, mas depois um pouco tempo eu fiquei relaxar suficiente para andar a praia.

Miguel ia me ajudar aprender todos sobre o ambiente natural da ilha e tinha planejado uma viagem para um forte por mim. Estava muito animado até que eu vi o lagarto e eu esperei que no vir uma outra durante nossos caminhada para o forte. Miguel me disse: "Está pronto?" e eu respondei "Acho que sim" quando ainda pensando dos lagartos. Ele começou a andando e eu o segui rapidamente quando olhando ao meu redor. Ele encontrou uma trilha perto da praia e a gente entrou na floresta. Percebi a natureza ao redor foi incrível, quase como um mundo novo que pessoas nunca tocaram ainda. Animais passaram pela floresta sem medo de nós. Eles só foi vivendo suas vivas como se a gente não exista.

Sem perceber, a gente chegou no forte. A bandeira brasileira ficava no topo do forte, mudando direção com o vento. Miguel escalou uma parede e me deu a mão dele para me ajudar. A gente continuou como disso até que o topo. Quando aproximei no topo do forte, mal pude acreditar o que eu vi. Eu podia ver toda ilha inteira de lá. Todos arvores, todas falésias, todas coisas. Neste momento, percebi que eu não pensando sobre os lagartos mais, só posso pensar sobre quanto bonita foi a ilha e quanto sorte eu tinha para ficar aqui agora. Eu sabia que eu nunca esqueceria esta viagem e nunca esqueceria esta ilha por minha vida inteira.

Eric Schmitt, Port 204

Eu cheguei na ilha pelo barco de turismo. Foi para o meu time de pesquisadores. Estávamos na ilha para aprender mais sobre a vida ali. Todo da natureza e da história. A primeira coisa que eu vi, chegando na ilha, foi os falésias grandes e escuros, que deilineou a costa. Cheirou mesmo de árvores a sal, por causa do mar. Finalmente, o barco atracou no píer. Não conseguia esperar a tocar a areia. As plantas e vegetação foram muito perto da praia, e subiu nas rochas e as falésias. Poderia ouvir o mar e muitos passarinhos. O sol foi muito forte e calor, e eu coloquei protetor solar.

A primeira parte do meu pesquiso era observar os animais da ilha. Eu e os outros pesquisadores resolveram olhar no mar primeiro; para animais. Não temos equipamento para nadar, mas trouxemos câmeras. Nós conhecemos um guia quem se ofereceu nos mostrar os animais no oceano. Ele disse a nós que é difícil encontrar golfinhos, mas é muito popular ver tartarugas. Nós fomos na aventura. Não precisamos ir muito longe da alga até começamos a ver as tartarguas. Durante a expedição nós vimos três tipos de tartaruga diferente. E na distância, eram três golfinhos no mar. Quando voltamos na paraia, foi o tempo para descobrir a natureza e falar com os habitantes da ilha. Nós dissemos tchau ao guia, e começamos a fazer caminhadas. Nos primeiros 20 minutos, só vimos três tipos de pássaros, mas imediatamente começamos a ver mais animais cinco minutos depois. O time foi muito exilado quando encontramos uma Noronha Skink. Um tipo de lagarto nativo da ilha. Tem pele cinza escura. Também encontramos muitos tipos de passarinhos pequenos e grandes. Os pássaros tinham uma variedade de cores. Felizmente não notamos alguns do smamais invasivos na ilha. Depois de algumas horas na caminhada, voltamos a uma das cidades da ilha. Uma habitante foi ali para nos ensinar sobre a história da Ilha Fernanda de Noronha. Essa parte do pesquiso foi muito interessante porque aprendi muito da história das ilhas e os problemas hoje em dia. Eu já sabia muito dos animais, mas todo isso foi novo para mim. Ela falava sobre a poluição, jeitos para ajudar, e mais sobre o início de comunidades aqui. Em pouco tempo chegou a hora de ir. O sol estava se pondo, e os sons da noite começaram. No voltado para casa, eu e os outros falávamos em como podemos ajudar a situação da ilha, a vida das habitantes, e a poluição. Nós resolvemos começar um programa que vá espalhar informação sobre a beleza da ilha, e os seus problemas. Esperamos que em pouco tempo, vamos ajudar muitos.

Lucca Florio, Port 204

O ar salgado do oceano sempre me foi familiar. Faz-me lembrar de verões passados sob o sol sorridente, dias cheios de mergulho e bodyboard, horas gastas procurando por animais invertebrados escondidos nas piscinas da maré. Agora, enquanto os golfinhos dançam embaixo do nosso catamarã e os albatrozes planam numa térmica, sinto-me grato por poder viajar para esse retiro tranquilo e cênico. No horizonte, atrás da névoa do mar, consigo ver uma ilha— Fernando de Noronha— a despontar. À medida que nos aproximamos, é evidente que é uma ilha como nenhuma outra.

A costa é um pouco rochosa, dando ocasionalmente lugar a praias de areia fina que interrompem as formações pontiagudas. A paisagem de fundo é luxuriante e extensa, estendendo-se até onde a vista alcança. Maçaricos perseguem a maré enquanto aves tropicais cantam de algum lugar distante. Nunca tinha visto um ambiente tão rico e intocado por Walmarts e KFCs. Os esforços de conservação tornam a natureza da ilha totalmente envolvente, vibrante e protegida.

Quando o barco pequeno desliza suavemente até a margem, moradores da ilha acenam para mim. Entre eles, eu vejo a organizadora da minha viagem, a Laura. Ela planejou minha vinda à ilha a fim de ajudar na pesquisa sobre os efeitos das toxinas produzidas pelo homem na vida marinha. Como ela explicou, existe um equilíbrio delicado entre os assentamentos humanos e a natureza da ilha. As operações do turismo causam uma desigualdade e deterioração da vida de tudo e de todos. Por isso, trabalhamos para combater os efeitos negativos da atividade humana.

“Bem-vindo,” diz ela entusiasmadamente enquanto eu largo minha bolsa para o chão e pulo cuidadosamente do barco para a praia.

“Olá, prazer,” respondo, estendendo a mão. “É ainda mais bonito do que imaginei.”

“Sem dúvida, é,” ela confirmou. “Mas olhe lá fora.”

Minha atenção é atraída para um cruzeiro enorme—mas algo parece errado. A chaminé jorra gigantescas nuvens de fumaça que cobrem parte do céu que antes era azul. Em seu rastro há uma faixa preta de esgoto e peixes mortos. A visão me deixa triste. Laura notou minha carranca.

“Esses não são nossos únicos problemas por causa dos turistas,” ela começa. “Eles trazem lixo e microplásticos à nossa ilha.”

Frustrada, ela chutou uma pedra no oceano. Mas as ondulações rapidamente se tornaram grandes demais. Parece que o oceano inteiro está se movendo. De repente, a terra também começa a tremer. Dou um passo para trás e esbarro em Laura, derrubando-nos. Na distância, noto magma, vapor e água fervente sendo lançados no ar pelos vulcões submarinos do arquipélago. Logo em seguida, vejo um tentáculo, depois outro, sair da água e se enrolar em volta do cruzeiro. Surge um kraken tão grande como Cristo Redentor. Ele agarra o barco com mais firmeza, sacudindo-o com raiva. Pessoas gritam de longe. Incêndios irrompem no convés do cruzeiro sem motivo aparente— exceto, talvez, por uma reviravolta no enredo. Agora, por causa do aperto do kraken, uma rachadura começa a dividir o barco em dois.

“Nossa,” eu digo.

“Eba!” comemoram os habitantes.

“Interessante,” comenta Laura. “Talvez a Mãe Natureza esteja cansada de pedir educadamente.”

Alex Holzman, Port 204

Meu avião pousa na pequena pista. A água do mar tem um cheiro maravilhoso. A ilha é linda e me faz sentir em casa mesmo quando não estou lá. As cores, azul e verde, laranja e amarelo, me cercam. As ondas do oceano quebram nas rochas aos meus pés. Os pássaros chamam e cantam. Fernando de Noronha é única. A areia é como açúcar e infinita. Os penhascos são tão altos quanto torres. Esta ilha é um verdadeiro paraíso. Enquanto caminho pela praia, a visão mais mágica se revela: um cardume de golfinhos dançando alegremente logo além das ondas, seus corpos esguios rompendo a superfície com facilidade graciosa. Também vejo tartarugas marinhas em suas famílias. As plantas são lindas, diversas e únicas na ilha. Percebo a importância da natureza e desta ilha. Realmente não há nada igual, e as pessoas precisam apreciá-la. Depois de morar lá por anos, nunca mais vou embora. Não consigo me imaginar em um lugar melhor. Vou me casar e criar minha família aqui. Isso me faz perceber que a vida é bela e deve ser apreciada.

Jack Williams, Port 204

Kalunga

O meu país, Cabo Verde, é 90% mar, e da janela do meu quarto, parece que todo ele se encontra aqui, à minha frente. Perdido no meio do Atlântico, um pequeno arquipélago formado por dez ilhas e vários ilhéus, cercado de mar por todos os lados, numa dualidade entre estarmos abertos ao mundo e, simultaneamente, nos encontrarmos fechados, presos por circunstâncias azuis. Muitos poetas cantaram o nosso mar: uns, vislumbrando-o como libertação, uma porta para o mundo, uma abertura para a aventura; outros, viram nele as paredes de uma prisão, inultrapassável, intransponível.

Este mar amplo e profundo, tão grandioso, encerra em si todas as possibilidades: caravelas, num passado distante, aqui chegaram, trouxeram vida: pessoas, animais, plantas; trouxeram também a morte, a tristeza, a dor e a destruição, povos escravizados, famílias destruídas, comunidades rechaçadas.

O meu país é 90% mar, não apenas em território, mas em história: dessa, fazem parte caravelas, baleeiros, barcos a carvão, botes de pesca, barcos pirata, barcos de guerra… pessoas chegando, pessoas partindo, pessoas fugindo (daqui e para aqui).

Este mar, geográfico e histórico, com a barriga farta de barcos naufragados, vidas perdidas, e vidas achadas, quando o quer traz fartura, quando não, deixa o povo à míngua. Este mar onde cantam sereias e vivem encantados, cheio de lendas, mitos e dores; que nos cerca de esperanças, de sonhos sonhados e de sonhos perdidos.

Quem vive no litoral sente o seu cheiro, o seu sabor salgado como lágrimas, embala-se no som intrépido das suas ondas, sente-o em toda a extensão da pele. Quem vive nas montanhas vê-o, em todo o seu esplendor, em toda a sua omnipotência, estendendo-se até ao infinito.

Os antigos Bantus-Kongos chamavam-no Kalunga, um portal interdimensional, um espaço físico e psicológico entre o mundo dos vivos e o mundos dos mortos (Mpemba); quando muitos escravizados transpuseram o Atlântico, Kalunga passou a ser visto como um cemitério sagrado, por onde os mortos atravessavam para chegar a Mpemba ou por aí ficavam, vagando eternamente. Kalunga significa infinito, vasto como o oceano, misterioso como só ele e a morte o são.

Em Kalunga, da janela do meu quarto, vejo um portal que liga os meus sonhos à minha realidade, às mil realidades possíveis e à única que existe.

No meu horizonte te estendes,
coberto com teu manto azul real.
Tu és Kalunga,
Lembrando-me da minha pequenez,
Lembrando-me da minha impotência.

Trocamos olhares profundos
(quão profundo podes tu ser?).
Trocamos olhares confusos
e eu…
não consigo distinguir se me serás libertação
ou se encerras em ti, a minha prisão.
(Quem és tu, hoje?)

Estendes o teu tapete azul,
uma auto-estrada que me convida a entrar e a percorrer
Apresentas caminhos novos, onde eu dantes via muros.

Se passeio por uma praia, deixo-te beijar - como quem idolatra- os meus pés;
Se me mergulho no teu abraço,
Banhas-me,
Purificas a minha alma (e o meu corpo).

Em ti, tenho paz,
De ti, tenho medo,
Como amante zeloso,
demandas o meu corpo e a minha alma,
Kalunga.
(Como escapar-te?
Quero escapar-te?)

Por onde eu ande, lá estás tu:
o guarda implacável que me relembra,
a cada passo,
que não te posso ultrapassar.
Por onde eu ande, lá estás tu:
abrindo novos rumos,
profundos e salgados.

Ainda quando não te vejo,
(nos raros momentos em que não te vejo)
Vejo as tuas marcas, a tua presença
Na pintura descalabrada de uma parede
No salitre do ar
No cheiro a maresia.

Kalunga…
(Quem és tu, hoje?)

Lenilda Duarte - Universidade de Santiago, Assomada - Cabo Verde

Navega-me, ó impaciente mar

Em qualquer sítio em mim refugiavam-se os meus insanos medos.
Os medos que cumpriam um destino silencioso e incompreensível.
Não me proibiam de contemplar o abismo da voragem.
Chamas-me, ó mar.
Do teu lar sem teto, prometes acolher-me, porém nos teus braços não vejo o meu refúgio.
Digo para lá de preconceitos que os teus filhos não são meus irmãos.
Me é possível refugiar num tempo alheio e impresente, num espaço que não parece ser matéria?
Mostra-me os teus impacientes olhos.
ilude-me que é o meu silêncio que não te deixa falar quando me abeiro de ti.
Não deixes ser imprevisível, volto em árduos trejeitos para encontrar na areia uma carta não de amor.
Hélas! Que má sorte a minha se lá não estiver marcado um encontro veranil a me explicar tudo! Tudo o que há de misterioso em ti que tanto me provoca medo.
Perante a tua dimensão, pareço nem ser do tamanho do grânulo de areia que te cerca.
Expresso sem intenção da tua lástima
ó furioso mar
Quero ver-te posto em sossego, assim prometo dar-te o amor de fevereiro com coração de aquário.
Esse amor que ecoa no íntimo de mim e que me move para além de mim mesma.
Ó impaciente mar
Permite-me não temer da sua infinidade e ver que nem todas as suas águas são frias.
Assim prometo deixar a poesia devorar-te.

Jaquiline de Brito, Universidade de Santiago, Assomada - Cabo Verde

Emigrante

Quanta doçura tem no salgado do mar,
O mar que nos envolve, que nos sustenta
Este imenso espelho que esconde mistérios profundos.

Quanta morabeza nos gestos do povo,
este povo que vive de esperança
e essa esperança bendita
que as leva a sonhar com tantos mundos.
Quanta beleza em quanta pequenez.
Nas ilhas pequenas há sempre aconchego.

É isto tudo, que os que vem de longe vê.
A terra seca, a vegetação rara,
Pois a chuva, já mais não vem,
E a estiagem devasta as arvores.

Mas aquele que vem de longe,
Não sente tristeza, sente emoção.
E em seca, em cada palmo de terra,
Ele encontra sempre uma novidade.
Ele encontra vida na aridez do solo
A resistência silenciosa que persiste na força dos homens,
A esperança que nunca morre em cada um de nós.

Ele encontra sempre a saudade, porque partiu.
E mesmo vendo tanta pobreza,
Não deixam de querer ficar
Porque a raiz é aqui.
Na terra seca ele encontra segredos guardados,
Histórias passadas e tempos vividos com humildade.
Nas águas cristalinas, do imenso mar que nos cerca

Na vastidão do azul
Ele encontra alívio, se sente acolhido e encontra forças
Para um novo recomeço.

Florizandra Porto, Universidade de Santiago, Assomada - Cabo Verde